

APresentação

VIAGENS

Dedicado ao tema "Viagens", este número 18 dos *Cadernos de Literatura Comparada* é fruto da investigação levada a cabo em *Liminaridades*, uma das linhas de trabalho desenvolvidas no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa.

Desde os primórdios dos tempos e com diferentes motivações e funcionalidades, o ser humano sempre viajou. A acompanhar essa actividade, outra se lhe encontrou associada, também ela quase tão antiga como a Humanidade: a da narração. O Homem parte e depois regressa enriquecido com histórias que partilha com os outros. Não admira que, desde a fixação da escrita, as narrações do *homo viator* e do *iter* tenham feito parte essencial dos textos narrativos.

A viagem ao longo dos tempos foi deixando o seu carácter utilitário, para se aliar a um sujeito e ao seu gosto de aventura, de descoberta do diferente, do Outro. Ou ver-se e ao seu mundo através do olhar do Outro, de fora. Ou perceber a diversidade. Ou um acto de fuga, de si e dos seus fantasmas, da pequenez do seu meio. Montaigne dizia: "Sei muito bem daquilo que fujo, e não aquilo que procuro". E Lawrence Durrell defendia que a viagem podia ser uma das formas mais satisfatórias de introspecção. De facto, o que mais se destaca num texto de viagens, e parece interessar o leitor, é o Eu do viajante textual, a sua relação com o que vai apreendendo, o modo como a sua "bagagem" se vai modificando, o leitor encontrando mais o EU do que o TU.

>>

Viagens são deslocações: no tempo, no espaço, na(s) cultura(s) ou num espaço-tempo interior. São portanto partidas, chegadas, por vezes dolorosas, outras vezes procuradas incessantemente. O escritor francês Paul Nizan escreveu um dia que a viagem era uma sucessão de irreparáveis desaparecimentos. A suíça Annemarie Schwarzenbach falava constantemente da dor da partida e que cada chegada já se aliava a essa dor, numa busca constante de algo que nunca soube definir. Já Aldous Huxley, atentando no contacto com o Outro, observava que "viajar é descobrir que todo o mundo está errado sobre outros países". Viajar é descobrir o Outro, na medida do possível, e não as imagens construídas sobre ele.

Na actualidade, ao olharmos para os escaparates das livrarias, vemos a importância crescente que este género textual tem vindo a ganhar entre nós, apesar de algum atraso face a outros mercados na Europa e nas Américas. Também a nível dos suplementos de jornais e revistas, a viagem tem vindo a ocupar um espaço bem merecido e muitas vezes de grande qualidade literária, o periodismo voltando a acolher em abundância, como sucedia em Oitocentos, textos sobre viagens.

Neste contexto e face a um objecto plural, a existência de uma panóplia quase infindável de abordagens ao fenómeno da viagem é uma constante no estado da arte. A nós interessa-nos sobretudo as relações entre a viagem e a literatura nos últimos dois séculos: textos literários sobre viagens e viagens como parte integrante do mundo ficcional. Passamos, portanto, pelo relato, pela história, pela geografia, pela antropologia, pelas memórias: diferentes modos de construção de um passado recente de deslocação ou através da memória pessoal ou de outros. Concentramo-nos em registos que se enquadram em diferentes tipologias, desde a jornalística à ficcional. Na base desses textos estão viagens realmente efectuadas, mas também consequências das viagens que são os movimentos migratórios.

Os estudos do presente número são disso sinal e ilustram precisamente a diversidade que o fenómeno da viagem e

seu correlato textual oferece, bem como as potencialidades hermenêuticas na aproximação ao objecto. Assim, questões ligadas às migrações podem ser abordadas como no caso dos brasileiros Raduan Nassar e Milton Hatoum, através do estudo de Marta Lúcia Pereira Martins, no qual se focam os traços árabes no Brasil, fruto das viagens migratórias oriundas do Próximo Oriente. Visitaremos, em contexto de migração, outros espaços, desta feita originada por deslocações migratórias portuguesas, vistas através dos próprios ou dos seus descendentes. Ana Paula Coutinho Mendes questiona o lugar das oposições binárias como “aqui/lá”, “estrangeiro/nacional”, entre outras, na escrita de *e/imigrantes* e na escrita dos seus descendentes, inserindo o *corpus* escolhido numa “efectiva interculturalidade”.

>>

O contributo de José Domingues de Almeida centra-se num outro conceito de deslocação, nomeadamente a da compreensão do fenómeno da *belgité*, ligada à questão identitária de um país sem língua própria e, portanto, em constante necessidade de se definir, no caso da literatura belga de expressão francesa, face à França e a um mundo francófono.

Segue-se o estudo que Abdelilah Suisse dedica às viagens que o português Fernando Venâncio faz a Marrocos, país com o qual Portugal tem ancestrais relações históricas, comerciais e culturais. Não se trata só do país real visitado, mas também dos sonhos e memórias que ele convoca. Seguidamente Maria de Fátima Outeirinho leva-nos até à Patagónia nos confins da América do Sul, região mítica tão visitada pelos mais diferentes autores. Nesta viagem, com o chileno Luis Sepúlveda e o argentino Mempo Giardinelli, a autora concentra-se no “jogo construtivo” que aí se depara, num jogo entre viagens reais, viagens interiores e viagens ficcionais.

Da América do Sul partimos para o Próximo Oriente, para o Irão. Gonçalo Vilas-Boas põe em destaque dois tipos de discurso: o jornalístico, da suíça Laurence Deonna, interessada em ouvir todas as partes da sociedade iraniana, tentando com-

preendê-la de dentro, e o do viajante, historiador e ficcionista espanhol Higinio Polo, que nos leva numa viagem cheia de poesia através do presente, mas com as marcas do passado cultural e literário da e sobre a Pérsia.

Cabe a vez agora a autores portugueses do século XIX: Sérgio Nazar David transporta-nos a viagens reais e imaginárias, de exílios, migrações e outras deslocações em textos de Eça de Queirós e de Almeida Garrett pela Europa, divididos entre a França e a Inglaterra. Em contraste, o autor fala-nos de dois textos recentes: o filme *Os Lisboaetas*, que Sérgio Tréfaut realizou em 2004 e uma intervenção de Inês Pedrosa, em S. Paulo, em 2007. As perguntas que se colocam são as mesmas: "O que somos?", "O que fomos?" e "O que queremos ser?". Já Maria Cristina Firmino Santos leva-nos com Eça de Queirós ao Egipto. O autor português procura, na realidade observada, traços do passado, de séculos de história. Procura no presente sinais do passado, sinais de uma continuidade histórica.

José Eduardo Reis lê a *Utopia* de Thomas More, só traduzida para o português na segunda metade do século XX, em romances portugueses de Pedro Canais e de Manuel Alegre, onde se "recompõem e animam traços virtuais da personagem do marinheiro português descobridor da ilha ideal".

A secção dedicada às viagens termina com uma entrevista de Lurdes Gonçalves e Márcia Lemos a Gonçalo Vilas-Boas sobre a escritora e fotógrafa Annemarie Schwarzenbach, cujo 100^o aniversário do nascimento se comemorou na FLUP com uma exposição e leitura de textos, integrada numa iniciativa de "leitura planetária" lançada pela *Association Les Amis d'Annemarie Schwarzenbach*, de Genebra. Segue-se um texto da autora sobre a sua viagem ao Irão e ao Afeganistão, onde a viajante textual questiona também o sentido da viagem.

Na Secção VARIA integram-se dois estudos cujo ponto comum é precisamente a abordagem comparatista, trabalhando a relação que se estabelece entre vários textos. Pedro Eiras viaja entre *Justine*, do Marquês de Sade, e *Húmus*, de Raul

Brandão, obras em que se atravessam “as piores heresias para, no fim, se defenderem valores morais”, desafiando o leitor para uma abordagem outra destes autores. Paulo Eduardo Carvalho leva-nos ao teatro irlandês, estabelecendo pontes entre *Mutabilitie* de Frank McGuinness e as obras de Thomas Kilroy e Brian Friel, tentando perceber a “ousada estrutura dramaturgica” de McGuinness.

Integra também este número uma importante entrevista a Manuel Gusmão, conduzida por Luís Miguel Queirós e originalmente publicada no jornal *Público*. O entrevistador e o jornal cederam-nos os direitos de publicação na íntegra, o que muito agradecemos. Nesta entrevista, Manuel Gusmão fala não só da obra literária, da importância do cinema, mas também dos contextos ideológicos marxistas com que se depara no seu modo de ler o mundo. >>

Uma palavra final de agradecimento a todos os que para este número dos *Cadernos de Literatura Comparada* contribuíram. É neste diálogo permanente que representa a escrita e a leitura que nos vamos enriquecendo na viagem das nossas vidas, uma constante mais valia no nosso contacto com os livros, os filmes, as artes cénicas, as artes plásticas, a música. <<

Gonçalo Vilas-Boas
Maria de Fátima Outeirinho